

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração — Calçada de Cembre, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. *Talheira* — Lisboa • Telefone: 2
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O mestre-escola e o Sindicato

Há tempos, Clemenceau, que não ocupava o poder naquele momento, descrevia no *Manual général de l'Instruction primaire* a luta que o professor laico tem que sustentar em França, como aliás em toda a parte, contra as potências dominantes.

O professor primário que pretende lutar só tem por ele uma irresponsável burocracia, cuja doutrina única é não ter questões e tem contra ele a mais poderosa hierarquia que o mundo jamais conheceu, desde o sacristão ao papa, passando pelos bispos; e, como se não bastasse esse bloco formidável, eis que as potências do céu se juntam as potências da terra para repelir o propalador de humildes verdades desagradáveis.

O castelo, que protegia a Igreja, precisa hoje da sua protecção. Entra, pois, na batalha, assim como tudo o que do povo emergiu para se aproximar do senhor terrenal. E o próprio povo, na sua larga aceção do multidão assalariada, sob a dependência dum patrão ou duma clientela, alista-se de bom ou mau grado contra o homem que veio para o emancipar. Depois do mostrar como o professor é mal defendido, quando não é perseguido e castigado, pela gente oficial, o articulista escreve: «Eu digo que, para aceitar essa luta na cruel desvantagem das condições que acabo de indicar, é preciso um esforço de heroísmo em nada inferior ao do mais valoroso guerreiro».

E os dois ensinos? Um, novo, calculado, mal armado; o outro, cheio de prestígio, de tradição e de aparências. Traduzimos:

«Com a sua leve bagagem de humildes livros, o mestre leigo traz aos seus alunos as noções elementares que mais tarde há de determinar os meios de conhecer, não oferecendo nem podendo oferecer ainda sonos vistas sobre possibilidades de saber. Tarefa ingrata sobre todas! O discípulo abre com religioso respeito o primeiro livro em que vai oferecer-se-lhe, pensa ele, um mundo inteiro de verdades eternas. Vã ilusão de ignorante, desfeita ao primeiro embate da realidade! Com os meios de começar que levarão mais tarde a outros começos ainda, antes de alcançar avenidas de saber que se enterram na obscuridade do universo infinito. Pela virtude duma magia de iniciação, julgava-se o estudante na situação de ir conhecer. Se acaso é capaz de reflectir sobre si mesmo, sente já vagamente que está a braços com o inatingível e que nunca possuirá senão fragmentos de fragmentos. E ainda assim, apenas um oscil que poderá elevar-se a essa altura de vistas. A massa, desconcertada, obstinar-se há na sua necessidade do absoluto e esperará de outro a luz de milagre que aliás lhe não faltará».

«Não longe dali, entretanto, levantou-se outro ensino, que não solicita esforço algum de inteligência árdua. Distingue-o do resto da humanidade um traje hierático. Do templo augusto onde reside a Divindade, deixa cair sobre os homens palavras de eternidade. Como o professor, apresenta-se com o seu livro, mas este livro possui sobre o outro a vantagem de ser a chave de tudo e de não deixar questão alguma sem resposta... Repetindo fórmulas duma simplicidade que desconcerta a contradição, o aluno tem palavras definitivas sobre tudo... A autoridade superior do clérigo impõe-se irresistivelmente, atestada pela majestade do santo lugar, pela tradição secular, pelo consenso universal das turbas».

Apesar disto, os professores primários tem persistido e alcançado vitórias. E isso, declara Clemenceau, devem-no eles à sua união, à sua acção colectiva, ao esforço das suas sociedades «amáveis», das suas mutualidades e dos seus círculos de estudo, — não ao Estado laico, que os abandona em regra geral e que os persegue e estorva muitas vezes. Os factos são inúmeros.

Clemenceau, porém, — naturalmente — não quer sindicatos de mestres, embora confesse que

NÃO APOADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Para julgamento daquelas criaturas que a terminologia jurídica classifica de «vândalos» tem funcionado ultimamente no governo civil, e com notável assiduidade, um tribunal de curioso aspecto. Ali vai parar tudo, bom é mau, como o que a perspicácia dos agentes encarregados de fornecer ao tribunal referido a matéria prima com que o banco dos réus se preencherá. No sábado passado, uma qualquer galdéria, aí caçada a gaúcho enquanto fariava forasteiros, foi levada à presença do integro julgador. Prisão, graças a Deus, não lhe faltavam no cadastro, e ela, já a condenação se aproximava, por vadiagem e outras prendas, quando à acusação ocorreu apresentar defesa, eficaz e procedente a mais não ser, como vai ver-se: porquanto, após haver pedido a permissão precisa ao «sôr» juiz, objectou que não podia ser tida por vadia quem tinha modo de vida conhecido, e ela tinha-o, bem legalizado até, pois exercia a prostituição, e habilitada estava para exercê-la, possuidora como era das licenças precisas que nas repartições policiais é de norma passarem-se, quer as queiram quem não as do officio. Embutiu o digno juiz com tam cabal resposta; e, tendo por breve espaço meditado o assunto, concluiu da única maneira que a lei indica, dando a absolvição à criatura que, de feito, tendo officio, como muito boa gente poderia atestar, e exercendo uma indústria de que o Estado cobra tributo, não podia, inequivocamente, sofrer condenação por vadiagem. Marca este incidente, que não é fantasiado por nós e vem descripto, por exemplo, na *Capital* de há cinco dias, uma orientação jurídica que, a ser seguida, nos dará, com a continuação, julgamentos dum interesse extremo. Amanhã, regulamentando-se a batota teremos nos jornais notícias deste género: «Foi absolvido Fulano da Tal, sobre quem impedia a acusação de vadiagem, por se ter provado que vivia do «jogo». E estas outras, em complemento: «Seguiu para a África, em consequência de sentença condenatória, o operário Cícron, há tempo preso por «haver tomado parte numa greve da «classe a que pertence». A justiça burguesa é a lindosa que se vê.

O PRÓXIMO CONGRESSO

A importante assembleia reunirá na cidade de Tomar, em Março — Só pela enunciação das teses, se vê o seu valor intrínseco — Falando com o operário metalúrgico Joaquim da Silva

No movimento sindical há bem conhecida a figura de Joaquim da Silva. Operário fundador, já bastante adiantado em anos, conservando, todavia, o vigor e o entusiasmo da mocidade, há muitos anos que vem espalhando entre as massas trabalhadoras a boa ideia, contraindo enormemente para a organização da classe metalúrgica. Larga é a sua folha de serviços e quanto da constituição do Sindicato Único Metalúrgico, de que foi um fervoroso organizador, entenderam os metalúrgicos distinguí-lo com a nomeação de secretário geral. Desde então, horas e horas metido na sede sindical, ele tem procurado promover a unificação dos trabalhadores em metal de todo o país, sentindo-se mais animado para a luta a cada novo sucesso.

Entem, encontramos-o. Caso raro, motivo porque por nós foi recebido com as demonstrações de simpatia que se tem para com um amigo velho. Conversámos; inquiri da vida do jornal, do seu contínuo desenvolvimento, dos melhoramentos que procuramos introduzir-lhe. Depois, já saciada a sua curiosidade, interrogámos-o sobre o robustecimento da organização metalúrgica, não sendo a resposta difícil, porque, entusiasmado, os olhos brilhando, começou falando com volubildade.

«Nós o que queremos é organizar a família metalúrgica de todo o país em Sindicatos Únicos, para mim a melhor forma de organização, pois estou certo que se merecermos a completa unificação da nossa classe».

«Pois sim. Mas há a contar com a inércia da classe, ainda muito atrasada... Lá nisso não deixa de ter um bocado de razão. Pode no entanto estar certo de que os metalúrgicos são dotados de bastante combatividade, precisando da acção energica do Sindicato para que não adormecem. Há comunistas, muitos comunistas, o que sucede em todas as classes. Mas nós, os defensores do sindicato, esperamos dentro em pouco bater essa inércia, esse comodismo, esse indiferentismo, nos seus últimos redutos».

E Joaquim da Silva, chupando um cigarro, olhou-nos triunfante através das lentes das lunetas. Nós sentíamos o seu entusiasmo, deixámo-lo penetrar por nós; mas para que mais se expandisse, para que mais palavras entusiasmadas nos dissesse, alcatamemo-lo de novo com o nosso scepticismo, provocando outra explosão:

«Que diabo! Vocês são os eternos pessimistas. Eu estou velho, muito velho, tenho visto triunfar muitas iniciativas, caírem outras e lá estou sempre na primeira linha, sempre decidido e cheio de boa vontade, quantas vezes emprestando energia aos novos. Poderá crer que a grande maioria da classe se encontra comprada de que se deve preparar o mais rapidamente possível para uma próxima e inevitável transformação da sociedade. Eis, pois, porque em todo o país, especialmente no Pórtico e em Lisboa, se pensa em dar o maior desenvolvimento à organização desenvolvendo-se para a realização breve do Congresso corporativo, onde se constituirá, dando-se assim cumprimento às deliberações do Congresso de Coimbra, a nossa Federação da Indústria».

«E onde realizam o Congresso?»

«Efectuar-se há em Tomar, talvez com a representação de Sindicatos Unidos».

NOTAS & IMPRESSÕES

1 de Dezembro

Fez outro dia 279 anos que, por uma manhã, naturalmente linda e clara, como convém a actos desta natureza, quatro conjurados chefiados por vários Almeida e Alimadas, nobres e ricos, está bem de ver, entraram nos paços reais como leões, e convidaram o mais delicadamente que puderam a duquesa de Mantua a retirar-se, porque haviam escolhido o assustadíssimo duque de Bragança para substituir no duro officio de reinar sua magestade católica D. Filipe III, de Portugal. Toda a gente sabe como se portaram os bravos fidalgos, que tam generosamente nos restituíram a independência, facto por que lhes estamamos muito reconhecidos; as suas facanhas e as suas frases mesmo, recolhidas piedosamente por algum escoleador de curiosidades históricas, veem narradas em todos os compendios escolares e em todos os romances baralinhos, de pataco o fascículo. Andam na boca de moços e velhos a resposta dada por D. Carlos de Noronha, quando Margarida de Saboia, a vice-rainha, lhe perguntava como lhe fariam os revolucionários ao respeito, se ela resistisse. «Como? Entrando por aquela porta se não quiser sair por aquela janela». Que bela espanholada!

E fora de dúvida que o povo português, com 60 anos de domínio castelhano, estava inoculado do soro quíntico, a pontos de fazer uma revolta apenas com 40 pessoas, número indistintamente restrito para acção tam avultada. Por muitos fidalgos que fossem os organizadores da revolta seriam decerto ventidos se não tivessem tido o cuidado de se esconder previamente na massa trabalhadora, a esse tempo tam papava como actualmente, que ainda dá o corpo ao manifesto.

Como consequência da taponia bravia que então se deu cá estamos independentes e felizes, nós, os bravos portugueses, que parece termos vindo a este mundo somente para nos desempenharmos da missão óbcecante de desancar nossos buenos hermanos. Verdade, verdade, desde que começamos a ser gente não temos feito outra coisa, procurando fraternizar com eles o mais ibéricamente possível, fazendo-lhes chegar a roupa ao pélo com alternativas de apanharmos poucas de vez em quando, porque isto de ir à guerra sempre trouxe como vantagem principal dar e levar bordoadas.

Desde Afonso Henriques, que começou por dar-lhes para baixo em Cernaia e Val-de-Vez, desde Sancho, seu filho, que aos 14 anos já arremetia contra os de Castela com tal sanha, que mais parecia um gato atirando-se a um naco de bofe do que um tenro infante comandando um exercito; desde o mestre de Avis, dando-lhes tunda mestra em Aljubarrota, ajudado pelo santo condestabre e pela padeira de celebrada memória; até ao senhor D. João IV, que lhes deu para o tabaco em Montijo, em Montes Claros, em Ameixial, em Elvas, em Castelo Rodrigo, em toda a parte onde eles apareciam a conquistar-nos pela força e a disputar-nos a independência, lá nos encontravam de longe em riste, prontos e decididos a pôr-lhes a tripalhada ao sol, missão de que nos desobrigávamos com tam boa vontade e com tanta satisfação que a nossa glória ficou inorredora pelos séculos fora, consolidando-se mais e mais a nossa fama alta e sonora, que nos colocou ombro a ombro com os maiores pelejadores dos tempos antigos e modernos. Somos uma raça de heróis, não o duvidem. Combatendo um contra dois, contra três, contra cinco, contra dez, fomos sempre os vencedores. O resultado de tantas e tam estrondosas vitórias, de tal modo se foi enraizando nos nossos hábitos que hoje, um montão de anos decorridos, ainda vibramos patrioticamente de fronte dum coreto que, num fungado deliciosamente desafiado, nos recorda, enquanto se mastigam castanhas, que somos, enfim, livres e que devemos toda a nossa felicidade, todo o nosso sossego, todo o nosso bem-estar ao sr. João Pinto Ribeiro e mais aos seus companheiros da trama. O pior é que, por muitas sovas que tivéssemos aplicado aos visinhos e por muitas que levassemos, nos inúmeras vezes que eles han salido a passeio cá, nossa casa, a liberdade que, por enquanto, registamos sem decretos chuchos e estúpidos, e a bela independência com que se enche para aí a boca tem para nós tanto préstimo como uma chivena partida.

Antero de LIMA.

Os operários portugueses expulsos do Brasil

são pelo governo português deportados, sem qualquer forma de julgamento, para Cabo Verde!

Dos portos do Brasil, entrou ontem no Tejo o vapor francês *Ceylan*, trazendo a bordo, expulsos pelo governo brasileiro os bolchevistas portugueses Manuel Fernandes Gomes de Amorim, António Rodrigues da Silva, Adriano Pinto da Costa e António Gomes.

Todos estes operários foram levados para uma escola de marinheiros e acompanhados pelo sr. Leonel Tavares de Melo, chefe da 1.ª secção da policia maritima e o agente Jesus Flores, para bordo do vapor *Benavente*, e que são: Manuel Gomes, António Costa, Manuel Gonçalves, Anibal Pinto Monteiro, Alexandre de Azevedo, Alberto Augusto Costa, Abílio Cabral, João Carlos, António da Silva, Albano dos Santos e Manuel Ferreira.

Todos estes camaradas foram expulsos do país, levando-os o *Quelimane* para Cabo Verde.

Pelo que acabam de ler os nossos leitores, mais uma infâmia acabou de cometer os governantes. Sem a menor consideração pelos operários, pelo raciocínio do governo brasileiro expulsos, sem se recordarem de que eles necessitariam de ficar em Lisboa, a fim de angariarem os meios de subsistência para si e suas famílias, que tam longe estão, as autoridades portuguesas não hesitaram em os deportar de novo, arremessando-os para Cabo Verde, sem que delto algum cometessem, sem que as leis existentes confirmem esse direito aos déspotas que para infelicidade da classe trabalhadora nos governam.

A comissão pró-presos por questões sociais, assim que teve conhecimento deste monstruoso caso, dirigiu-se imediatamente ao governo civil, conferenciando largamente com o director da policia de segurança do Estado. Este funcionário, depois de muito assediado por aqueles camaradas, declarou, de baixo da sua palavra de honra, que os operários portugueses gosariam em Cabo Verde da mais ampla liberdade, concedendo-lhes o Estado facilidades de colocação. Procurou assim o chefe dos esbirros da Parreirinha, justificar o ignobil gesto do governo. A verdade é que se acaba de cometer pela segunda vez — a primeira foi durante o consulado sidonista — a monstruosidade de se deportar operários portugueses sem qualquer forma de processo.

Perante esse facto, que bem denota os sinistros propósitos do governo, nós desta barricada lançamos o nosso brado de alerta à classe operária portuguesa, bem que se não admire com a prática de novas violências.

Grupo Solidariedade Humana

Reúne hoje, às 20 horas, na sede do Sindicato Ferroviário, com a seguinte ordem de trabalhos:

Resolver sobre o subsidio aos demittidos já subsidiados pela Companhia; Resolver sobre a diminuição da cota; Explicar a comissão organizadora sobre o regulamento.

UMA MONSTRUOSIDADE

Neno VASCO.

EM ESPANHA

O II Congresso da Confederação Nacional do Trabalho

Deve realizar-se brevemente, em Madrid, um importante congresso operário, esperando-se que, pela primeira vez, os trabalhadores de toda a região espanhola se façam representar. Na circula distribuída aos agrupamentos proletários, convoca-se essa importante assembleia para o 10 do corrente, devendo effectuar-se no Teatro da Comédia, de Madrid.

A iniciativa deste congresso pertence à Confederação Nacional do Trabalho, orientada pelos elementos sindicalistas revolucionários de Barcelona, esperando-se que a União Geral dos Trabalhadores, organismo de carácter reformista, não hostilize os trabalhos agora em marcha para a unificação de todo o proletariado do país vizinho, unificação que os trabalhadores portugueses olham com viva alegria, pois bem necessário é a existência nas duas nações duma só organização sindical que trabalhe por uma aproximação para todos util e que as circunstâncias impõem.

O operariado e a Instrução

Secção da Construção Civil do Alto do Pina

Promovida pela comissão da escola do Ensino Livre da Secção da Construção Civil do Alto do Pina, realiza-se no próximo domingo, no Grémio «Os Auxiliadores», rua Melo Gouveia, 19, 21, uma grandiosa festa a favor do creche escolar, indo à scena o drama «O Triunfo». Ficam avisados todos os camaradas que tem bilhetes da festa, que estava para se realizar no dia 15 de Novembro, de que estes tem validade para a festa de domingo. Os bilhetes encontram-se à venda na Secção da Construção Civil do Alto do Pina, rua Barão Sabrosa, 81, 1.º

Comissão administrativa da sede confederal

Esta comissão reúne hoje, pelas 20 horas, para tratar de vários assuntos, entre eles dois de grande importância; por isso pede-se a comparencia de todas as direcções dos sindicatos e delegados da C. G. T. U. S. O., F. C. C. e do jornal *A Batalha*.

OGOVERNO

CONTRA AS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Como a mocidade operária parisiense aprecia a attitude do sr. Sá Cardoso

No último número de *Le Cri des Jeunes Syndicalistes*, órgão das Juventudes Sindicalistas de França, temos a seguinte nota officiosa do Comité d'Entente des J. S. de la Seine:

As Juventudes Sindicalistas do Sena, trazem ao conhecimento do povo francês os actos, dignos dos regimes passados, que sem cessar se dão em Portugal, dirigidos pelo governo contra os operários sindicalistas, e especialmente contra os membros das Juventudes Sindicalistas. Elas votam esses actos ao despristo e agiram sem cessar contra os governos que se dizem republicanos, mas que, na realidade, são tam imperialistas, senão mais, que os países dominados por um monarca, declarando-se solidárias com os sindicalistas velhos e novos, que possuem o mesmo fim que elas e que tem por arma principal o sindicalismo revolucionário. As Juventudes Sindicalistas do Sena afirmam ao seu protesto a sua saudade fraternal aos sindicalistas portugueses que um governo republicano mantem nas prisões.

Sonhando...

A *Capital*, que na ansia de fornecer notícias politicas sensacionais aos seus leitores, architecta amide os boatos mais inverosímeis, dizia ontem que em virtude de resoluções — que não sabemos quissassem — tomadas pela Confederação Geral do Trabalho de França, os sindicalistas portugueses se preparam para quebrar a abstenção eleitoral em que se tem mantido até hoje, pensando em concorrer às primeiras eleições. E a propósito discreta sobre a influencia que tal facto teria nos resultados electoriais.

Trata-se evidentemente dum boato sem o menor fundamento, boato tam disparatado que só pode ter sido lançado por quem desconhece absolutamente os principios sindicalistas revolucionários

O GOVERNO

CONTRA AS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Como a mocidade operária parisiense aprecia a attitude do sr. Sá Cardoso

No último número de *Le Cri des Jeunes Syndicalistes*, órgão das Juventudes Sindicalistas de França, temos a seguinte nota officiosa do Comité d'Entente des J. S. de la Seine:

As Juventudes Sindicalistas do Sena, trazem ao conhecimento do povo francês os actos, dignos dos regimes passados, que sem cessar se dão em Portugal, dirigidos pelo governo contra os operários sindicalistas, e especialmente contra os membros das Juventudes Sindicalistas. Elas votam esses actos ao despristo e agiram sem cessar contra os governos que se dizem republicanos, mas que, na realidade, são tam imperialistas, senão mais, que os países dominados por um monarca, declarando-se solidárias com os sindicalistas velhos e novos, que possuem o mesmo fim que elas e que tem por arma principal o sindicalismo revolucionário. As Juventudes Sindicalistas do Sena afirmam ao seu protesto a sua saudade fraternal aos sindicalistas portugueses que um governo republicano mantem nas prisões.

Sonhando...

A *Capital*, que na ansia de fornecer notícias politicas sensacionais aos seus leitores, architecta amide os boatos mais inverosímeis, dizia ontem que em virtude de resoluções — que não sabemos quissassem — tomadas pela Confederação Geral do Trabalho de França, os sindicalistas portugueses se preparam para quebrar a abstenção eleitoral em que se tem mantido até hoje, pensando em concorrer às primeiras eleições. E a propósito discreta sobre a influencia que tal facto teria nos resultados electoriais.

Trata-se evidentemente dum boato sem o menor fundamento, boato tam disparatado que só pode ter sido lançado por quem desconhece absolutamente os principios sindicalistas revolucionários

Contra os senhores gananciosos

Os empregados no comércio contra os senhores gananciosos

Absorvidos com o assunto das 8 horas, não tem podido as classes de empregados no comércio tratar deste magno assunto, assumindo a attitude que lhe está indicada como classe de trabalhadores.

Vitimas, como todos aqueles que tem de alugar um casebre onde se abriguem não ficam impassíveis ante tam momentoso problema.

Um tanto refeitos da luta travada com a classe patronal, que a todo o transe procura anular-lhes todas as regalias porventura conquistadas, vão prender a nossa atenção nessa questão das rendas das casas e de ante-mão declaram que secundam o movimento da U. S. O., dando-lhe desde já o seu incondicional apoio.

A Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio, Associação dos Caixaeiros e Secção de Livraria convidam todos os trabalhadores do ramo comercial sem distincção de especialidade, a comparecer pelas 20 horas, na Rua António Maria Cardoso, para sancionar o grande protesto da U. S. O. contra os ladrões senhores.

Sublocatária cruel

A sr. Natalina dos Santos residia há uns nove meses num quarto que alugara a Hermínia dos Santos, na rua do Cruzeiro de Ajuda, 102, 1.º. Como a sublocatária quizesse dispor do quarto para qualquer coisa, recusou-se a receber a renda do mês findo, aproveitando a ausência da reclamante para pôr na rua cinco filhos de curta idade, que se encontram numa escada vizinha, sendo Natalina dos Santos obrigada a chamar a policia a fim de reaver a sua mobília.

Em Braga

BRAGA, 2.-C.-E' cada vez maior a ganância dos senhores, nesta cidade. Os operários vão reunir-se na União Local e nos seus sindicatos, a fim de protestar contra tais infâmias.

As greves

Profissionais Culinários

A assembleia magna ontem realizada, decorreu cheia de calor e entusiasmo, falando entre outros o delegado da U. S. O. de Lisboa, fazendo boa propaganda sindicalista. O representante da autoridade, que estava presente, foi forçado a sentar-se ao lado da presidência. Foi acordado nomear uma comissão para se avistar com os camaradas que trabalham nas casas onde já existe o horário das 8 horas, a fim de os convidar a assistir a uma nova assembleia magna extraordinária, a realizar amanhã, onde se deliberará sobre as resoluções da classe patronal.

Nos nossos agentes

Prevenimos os nossos estimáveis agentes de que devam fazer a liquidação dos seus débitos até ao dia 10 do corrente mês, a fim de não sofrerem interrupção no envio das remessas.

A Administração.

